

CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA COMO FENÔMENOS CONTEMPORÂNEOS QUE RESGATAM O PROJETO DE *ALDEIA GLOBAL* DE MCLUHAN

Paula Jung Rocha*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a relevância e a ocorrência do conceito de *aldeia global*, apresentado primeiramente na década de 60 pelo professor canadense Marshall McLuhan, em relação à argumentação teórica de Pierre Lévy sobre tecnologias de informação e de comunicação, especialmente na questão da *internet*. Considerada por Lévy como principal agente disseminador da globalização, o que, por sua vez, caracterizaria o mundo como uma *aldeia global* (*global village*).

Palavras-chave: Aldeia global; internet; globalização.

INTRODUÇÃO

No final do século XX, início do século XXI, a humanidade se encontra diante de uma nova revolução dos meios de comunicação. Todas as invenções anteriores: imprensa, telégrafo, telefone, cinema, rádio e televisão significaram profundas alterações na vida do homem. Todavia, a revolução que se passa hoje, através do advento do computador e da ferramenta *internet*, está causando uma efervescência sem precedentes na história das tecnologias.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relevância e a ocorrência do conceito de *aldeia global*, apresentado primeiramente na década de 60 pelo professor canadense Marshall

* Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - PUCRS e professora da FEEVALE

McLuhan, em relação à argumentação teórica de Pierre Lévy sobre as tecnologias de informação e de comunicação, especialmente na questão da *internet*. Considerada por Lévy como principal agente disseminador da globalização, o que, por sua vez, caracterizaria o mundo como uma *aldeia global* (*global village*).

Parte-se do pressuposto de que a máxima *dos meios de comunicação como extensões do homem* seja sinônimo, nos dias atuais, dos fenômenos do *ciberespaço* e da *cibercultura*, nos quais pode-se constatar um intenso movimento de aceleração da produção de informações, acompanhada de um fluxo de meios capazes de absorver e expandir esses elementos em um espaço virtual. Criando, então, um conceito próprio de cultura e de comunicação entre pessoas que conversam, trabalham e até viajam, através desta rede imaginária denominada *internet*. Neste caso, a dimensão eletrônica é ultrapassada por ondas eletromagnéticas e fibras óticas, condicionando, por sua vez, as extensões do homem a uma mesma ordem, isto é, à virtualidade. O trabalho está estruturado em três partes. Num primeiro momento, estão analisados alguns dos pontos fundamentais levantados por Marshall McLuhan e a respectiva corrente teórica na qual se insere a sua argumentação. Na segunda parte, apresenta-se a análise que Pierre Lévy faz sobre as novas tecnologias da inteligência, ressaltando-se o aspecto da globalização e a forma cultural resultante da interação do homem com o mundo, a partir da utilização da máquina no espaço virtual, chamada de *cibercultura*. Na conclusão, tem-se a discussão sobre a constatação ou não da herança do pensamento mcluhiano na teoria filosófica de Lévy.

A escolha destes dois autores deu-se pelo fato de que, na minha opinião, ambos desenvolvem argumentações teóricas de vanguarda. Fazem reflexões a respeito da questão do poder da técnica sob os domínios da sociedade, em épocas distintas na linha do tempo, porém, sempre atuais naquilo que se refere ao *progresso* das tecnologias frente à *evolução* da humanidade.

Quando diz que, *eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila, uma aldeia global* (McLuhan; 1964, p. 19), o autor percebe a eminente revolução do universo da informação, orientado principalmente pela televisão. Contudo, pode-se afirmar que o mundo contemporâneo superou a transmissão televisiva disponibilizada por satélites e antenas parabólicas para alcançar também o espaço virtual. Com o advento da Rede Mundial de Computadores (*Internet*)¹, as pessoas conectam-se além das fronteiras geográficas. De qualquer ponto, seja na terra, na água ou no ar, tem-se a oportunidade de comunicar-se em instantes numa velocidade surpreendente, anulando as distâncias e não dependendo das alterações climáticas. O chamado tempo real, desdobra-se em novo conceito, o tempo virtual.

Mesmo que se considere as críticas de outros autores, como Armand Mattelart e Paul Virilio, por exemplo, contra o determinismo técnico, presente, tanto em McLuhan quanto em Lévy, há de se avaliar a possibilidade de transformação do planeta Terra em uma *aldeia global* conforme o desenvolvimento das técnicas de comunicação. Ambos os autores acreditam na construção de um mundo melhor. No momento em que a humanidade tenha condições de conhecer a realidade do outro e, então ser solidário com a sua causa. Utopia ou não, esse pensamento se encontra nos discursos daqueles que acreditam no poder de influência do bem comum nos meios de comunicação. Nas palavras de Lévy, este poder é nomeado consciência coletiva. E é antecipado por uma passagem de McLuhan (1964, p. 18):

¹O nome internet vem de *internetworking* (ligação entre redes). Embora seja geralmente pensada como sendo uma rede, a internet na verdade é o conjunto de todas as redes e *gateways* que usam protocolos TCP/IP usados para o transporte da informação. A *Web* é apenas um dos serviços da Internet, e as duas palavras significam a mesma coisa (Lévy, 1999, p. 255).

Na idade elétrica, quando o nosso sistema nervoso central é tecnologicamente projetado para envolver-nos na humanidade inteira, incorporando-a em nós, necessariamente temos de envolver-nos, em profundidade, em cada uma de nossas ações, voltando a formar uma totalidade.

Quanto ao determinismo técnico, Lévy (1999, p. 234) escreve:

Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço no plano econômico, político, cultural e humano. Que tentemos compreendê-lo, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas desta forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista.

1 MCLUHAN, O PROFETA DA ERA ELETRÔNICA

A problemática sobre os meios de comunicação encontra-se tomada por discussões referentes às novas tecnologias. Os procedimentos técnicos, assim como os respectivos efeitos causados a partir da introdução de complexos sistemas informatizados, são permanentes alvos de crítica, na qual se alternam ora opiniões apocalípticas, ora entusiasmados defensores da revolução da informação.

O denominador comum dessa espécie de relato, qualquer que seja a ênfase da narração, é o entendimento da comunicação como uma espécie de aparato técnico, a substituição da teoria da comunicação por uma teoria das mídias de comunicação (*medium theory*) e a transformação do referido aparato em fundamento de um determinismo tecnológico aplicado à cultura e à história, cujo ponto de partida encontra-se nos escritos de Harold Innis e Marsall McLuhan (Rüdiger, 1998, p. 94).

Partindo dessa análise, faz-se necessário o reconhecimento do importante papel desempenhado pelo professor canadense Marshall McLuhan, ao estabelecer, na década de 60, significativos conceitos a respeito da mídia eletrônica. Principalmente, observa-se o caráter profético de suas argumentações referentes à *aldeia global*. Expressão que, atualmente, torna-se uma realidade, devido à viabilidade do fenômeno da globalização existente nas estruturas da sociedade, sejam: econômica, cultural, social, comunicacional ou política.

Ao analisar as distintas correntes teóricas, elaboradas ao longo do percurso de consolidação da Comunicação Social, como uma área das Ciências Humanas, encontra-se, na teoria culturoológica, a fundamentação teórica que sustenta a proposição de Marshall McLuhan. Considera-se a sua preocupação com o fato de que as tecnologias interferem física e mentalmente no homem, afetando o estágio cultural conforme os diferentes momentos de sua evolução. Segundo Mauro Wolf (2001).

A sua característica fundamental é o estudo da cultura de massa, distinguindo os seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação entre consumidor e objecto de consumo (Wolf, 2001, p. 100).

Esta teoria, inaugurada em 1962, através da publicação de **A indústria cultural**, obra do pensador francês Edgar Morin, tem como objeto de estudo o processo de comunicação sob um ponto de vista cultural. Mais abrangente do que o olhar da Escola de Frankfurt, cujo critério de pesquisa se limita à crítica ao sistema capitalista. Para alcançar determinado objetivo, desenvolve-se uma fenomenologia sistemática, apoiada numa pesquisa empírica.

O pioneirismo de McLuhan relaciona-se com a sensibilidade do autor em perceber o que realmente significam os meios de comunicação e, sobretudo, como afetam a vida das pessoas. A fim de explicar a teoria de que os indivíduos são modificados por suas tecnologias de comunicação, o pensador formula a hipótese de que as

tecnologias se constituem em uma extensão dos sentidos humanos, os quais refletem o predomínio de um tipo ou outro de percepção da realidade.

Depois de três mil anos de explosão, graças às tecnologias fragmentárias e mecânicas, o mundo ocidental está implodindo. Durante as idades mecânicas projetamos nossos corpos no espaço. Hoje, depois de mais de um século de tecnologia elétrica, projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço até diversos meios e veículos (McLuhan, 1964, p. 17).

No prefácio de **Os meios de comunicação como extensões do homem**, o autor esclarece a sua posição diante do processo desenvolvido com o avanço das novas tecnologias. A projeção dos sentidos humanos para os suportes de comunicação, segundo McLuhan (1964), cria nos indivíduos uma sincronicidade com o processo. No caso da televisão, essa reflete o sistema nervoso central e suas conexões, transmissões elétricas de neurônio para neurônio, causando profundas alterações no homem e na sua relação com o mundo. Antes da era elétrica, o homem condicionava-se através de movimentos mecânicos e, assim, todo o seu comportamento era conduzido mecanicamente.

Ao fazer essa analogia com o sistema envolvido na caracterização do espaço virtual, isto é, o universo da cibercultura, tem-se a mesma percepção. O *ciberespaço* como extensão do homem contemporâneo. Hoje, as relações humanas se dão também em um plano virtual. A eletricidade convive com a onda eletromagnética.

A proliferação do número de computadores e as constantes inovações tecnológicas que afetam os sistemas digitais contribuem para que a sensação de virtualidade do espaço cibernético aumente de forma considerável, tornando ainda maior a dificuldade de diferenciação entre o que é real e o que é virtual.

Não há como delimitar ou visualizar o espaço onde as manifestações da cibercultura acontecem devido à natureza do *ciberespaço*². As extensões do homem não são mais somente elétricas, e, sim, virtuais, ao evidenciar as características correspondentes aos meios de comunicação desta época.

Toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo. Os ambientes não são envoltórios passivos, mas processos ativos. [...] No tempo de Platão a palavra escrita tinha criado um novo ambiente, que já começara a destribalizar o homem. Com o advento do homem individual destribalizado, uma nova educação se fez necessária (McLuhan, 1964, p. 11).

Como observa o professor canadense, em nossos dias, as barreiras estão cada vez mais altas e a necessidade de entender os efeitos das extensões do homem se torna cada vez mais urgente. É inconcebível a compreensão e o estudo antropológico sem levar-se em consideração o avassalador desenvolvimento das técnicas de comunicação.

Apenas através do advento da escrita tem-se a possibilidade de articulação das noções atribuídas ao tempo: passado e presente. A fim de explicar a história da comunicação, o autor distingue dois períodos revolucionários: a época de Gutemberg e a época eletrônica do audiovisual.

O descobrimento da escrita e, mais tarde, das técnicas de impressão destribalizaram a humanidade, romperam a associação

²Palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica Willian Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O Ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. O ciberespaço constitui um campo vasto, aberto, ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um só de seus componentes. Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação (Lévy, 1994, p. 104).

entre os sentidos e modificaram a maneira de o homem perceber e se relacionar com o mundo, tornando-a solitária, técnica, fria e impessoal. Favoreceu certos sentidos, como a visão, em detrimento de outros. Ao mesmo tempo em que engendrou uma determinada forma de racionalidade bastante limitadora. Ao separar o homem do acontecimento, o processo de comunicação torna-se passível de alterações que podem afetar e modificar a mensagem original.

O pensador afirma que a era eletrônica possibilita o compartilhamento do processo criativo e do saber, coletivamente, devido ao resgate da oralidade. Neste caso, a extensão se efetuará através da criação de meios de comunicação de massa capazes de recuperar uma unidade dos sentidos que faria do mundo uma única grande tribo. Ocorre, assim, uma democratização dos conhecimentos. Ressalta-se que o seu foco, na época, era a utilização da televisão, um meio frio que promovera consideráveis mutações.

No livro **War and Peace in the Global Village**, publicado em 1969, McLuhan descreve o efeito-televisão da guerra do Vietnã. Considerada a primeira guerra televisual, na qual os telespectadores tornaram-se participantes do acontecimento/espetáculo. Muitos anos depois, na década de 90, com o episódio da Guerra do Golfo, constata-se a mesma situação. A rede televisiva norte-americana CNN transmite, ao vivo, mas selecionados e editados, os ataques dos Estados Unidos ao Oriente Médio, para todo o mundo.

A classificação dos termos, meio frio ou *meio quente*, refere-se ao volume de informações transmitido e, também, representa o índice de participação da audiência. A televisão caracteriza-se como um *meio frio* porque demanda intervenção do público. Assim como ocorre com o telefone, um *meio frio* que exige complementação. Todavia, a natureza do rádio, um *meio quente*, não oportuniza aos ouvintes um maior entrosamento, justamente pelo fato de transmitir um grande volume de informações. Observa-se que estes conceitos de McLuhan (1969) são passíveis de dúvidas por parte de muitos críticos

de sua obra, os quais consideram que a classificação poderia ser exatamente o contrário.

Através da conceituação sobre os meios de comunicação frios ou quentes, idealizados por Marshall McLuhan, este trabalho tem como um dos objetivos buscar uma perspectiva sobre qual seria a origem e a classificação do computador. Conforme sugere a lógica de McLuhan, o computador seria um *meio frio* porque são os usuários, participantes ativos, que, na maioria das vezes, elaboram o conteúdo da *internet*. Até mesmo programas como *Word* ou *Excel* são aplicativos que dependem da inter-relação com o usuário.

A relação que McLuhan procura abordar em seus textos, ao afirmar que qualquer tecnologia transforma o ambiente *a priori* estabelecido, conduz as pistas para a compreensão de que os próprios ambientes são processos ativos na construção da mensagem. Sendo assim, a característica virtual da tecnologia dominante de hoje, a informática, estaria elaborando uma mensagem inédita ao mundo ainda acostumado à era elétrica. Mais ainda, o próprio ambiente estaria refletindo a mudança da extensão dos seus sentidos, pois a passagem da eletricidade para a virtualidade teria correspondência na relação do homem com os meios de comunicação. Segundo as reflexões do pensador, os conteúdos são secundários em relação às mudanças globais produzidas pelo surgimento de uma nova mídia na sociedade. As transformações na maneira de perceber e vivenciar a realidade são a mensagem de cada mídia de comunicação.

Portanto, o objeto de análise de McLuhan, os meios de comunicação como extensões do homem, é a definição de uma nova forma de cultura da sociedade atual, a qual implica uma revisão de conteúdo que ultrapassa a esfera dos *mass media* e de seus efeitos sobre os destinatários.

Por isso, McLuhan fala da aldeia global em que o mundo se transformou, precisamente como resultado das mutações provocadas pelos meios eletrônicos: a territorialidade física é transposta pela mundovisão, assim como a distância se torna inexistente pela cobertura televisiva. Nesta perspectiva, os mass media são outras expansões do homem, transformam-se nas mensagens que transmitem e essas modificam o receptor. Todas as tecnologias comunicativas – no sentido lato – são, de facto, analisáveis como extensões do sistema físico e nervoso do homem (Wolf, 2001, p. 106).

Nos próximos parágrafos, serão abordados o conceito de *aldeia global* e as suas implicações, assuntos presentes nas teses defendidas por Pierre Lévy a respeito das novas tecnologias virtuais. Da mesma maneira como se nota na teoria de McLuhan um certo ar imponente, conduzindo ao determinismo técnico, procurar-se-á trilhar um caminho pelas obras de Lévy, cujas passagens demonstrarão ou não a atualidade e a apropriação do significado do termo *aldeia global*. Diz-se que McLuhan foi, aos poucos, perdendo o espírito crítico para consagrar-se o profeta de uma nova era das tecnologias de comunicação.

Quanto mais se avança em sua obra, maior é a vantagem do determinismo tecnológico que se converte em um otimismo desenfreado. Mais corroída fica a crítica ao industrialismo. E também mais ele se afasta da análise dos vastos complexos culturais em que evoluem essas tecnologias e que lhes dão um sentido (Mattelart, 1994, p. 146).

2 PIERRE LÉVY, UM *LINK* COM A ERA DO CIBERPENSAMENTO

A fim de se reconhecer a relevância da obra de McLuhan, ao propor ineditamente a expressão de *aldeia global*, encontra-se na narrativa de Pierre Lévy uma essência propulsora do fenômeno da

globalização, ao defender o estatuto da *internet* como um meio capaz de promover o encontro dos homens, apesar das distâncias geográficas. "A humanidade reconecta-se consigo mesma." diz Lévy (1999, p. 195).

Da mesma maneira como fizera McLuhan, em 1960, em um estudo sobre a televisão como um meio de comunicação de extensão das capacidades humanas, Lévy apresenta as novas máquinas da inteligência. Especialmente a utilização da *internet* como realidade incontestável e transformadora de todo o comportamento humano, além do campo da simples troca de informações até uma reformulação de todos os sentidos envolvidos em qualquer relação, seja comercial, pessoal ou política. Conforme expressou-se McLuhan sobre a necessidade do resgate dos sentidos, Lévy também acredita na possibilidade de recuperação da unidade do sentido. Porém, ele faz esta leitura através do objeto de análise: a *internet* e as alterações causadas pela mesma nos indivíduos e na sociedade. Segundo este autor, o *ciberespaço* e a *cibercultura* são os fenômenos que representam, hoje, a totalidade da mudança introduzida por essa nova mídia.

A revolução contemporânea das comunicações, da qual a emergência do ciberespaço é a manifestação mais marcante, é apenas uma das dimensões de uma mutação antropológica de grande amplitude (Lévy, 1999, p. 195).

Ao analisar a história, desde os primórdios, com o aparecimento do *homo sapiens* e de suas condições rudimentares de comunicação, até a revolução neolítica, quando se deu a profunda transformação demográfica a partir de novas concepções culturais, técnicas e sociais, pode-se concluir que houve um processo de sedentarização e concentração de riquezas.

Conforme alerta Lévy, a contemporaneidade é favorecida com a implantação de um sistema capaz de reverter o quadro de estagnação social e econômica ao propor a inter-relação entre

indivíduos de diferentes culturas e de lugares distantes. No seu entender, a *internet* pratica a democratização dos conhecimentos, justamente pela facilidade em acessar qualquer informação disponibilizada na rede.

Segundo Lévy, o recurso da *internet* reflete novamente uma característica da comunicação oral. Ao acessar *chats* e *homepages*, ou enviar informações através de e-mails eletrônicos, há uma troca de mensagem instantânea. O resultado da comunicação verifica-se no momento em que o receptor e o emissor estabelecem contato. Diferentemente da comunicação escrita, que não oportuniza um contato imediato, este seria o momento do regresso à era da oralidade. No entanto, esta seria uma oralidade mais abrangente e especializada. Hoje, além de todos os efeitos de uma comunicação oral, tem-se a oportunidade de complementar a comunicação com ferramentas capazes de editar imagens e áudio; traduzir textos em diversas línguas; elaborar pesquisas; realizar colóquios *on-line*, enfim facilitar e aprimorar o conhecimento e a coletividade humana, simplesmente através de uma conexão com o *ciberespaço*, o que se tornou mais acessível devido à redução dos preços dos computadores e dos aparatos técnicos necessários à navegação. O desenvolvimento de uma interface mais amigável também aproximou o computador do usuário leigo.

De acordo com Lévy, está se assistindo e participando do nascimento da era da *cibercultura*. Algo que os apurados sentidos de McLuhan e dos mais famosos diretores de ficção científica intuíram de certa maneira, mas não imaginaram a dimensão que alcançaria em pouco tempo. O aumento exponencial do número de pessoas conectadas em rede não pode ser comparado a nenhum outro meio de comunicação. Mesmo levando-se em consideração a explosão demográfica dos últimos anos, a exclusão, em termos de *internet*, para Lévy, não altera a sua proposta de transformar o mundo numa *aldeia global*.

A extensão do sistema nervoso central atingiu a atmosfera do *ciberespaço*, espaço este que se caracteriza por abrigar uma rede de

computadores conectados, onde circula um número incalculável de mensagens, a cada instante.

Esta infinita rede digital está sendo tecida pelos principais países do mundo, com a pretensão de envolver a todos num espaço virtual, chamado *ciberespaço*, no qual as culturas particulares fundem-se a fim de formarem uma única cultura global e cibernética.

Na opinião do filósofo, o espaço virtual é um agente libertador, porque não segue os padrões dos meios de comunicação como a televisão, o rádio ou o jornal que, segundo ele, são essencialmente meios de censura e de poder político. A natureza da *internet*, livre do processo de hierarquização e de controle, leva o homem a optar por seus próprios caminhos, divulgá-los a quem se interessar e, principalmente, induz ao compartilhamento dos sentidos.

A cibercultura leva a co-presença das mensagens a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhes dão sentidos variados em uma renovação permanente (Lévy, 1999, p. 15).

A explicação do filósofo, a fim de esclarecer a essência da *cibercultura* como extensão do homem, é a própria situação do futuro da humanidade e do conceito de *universal sem totalidade*. A categoria de universal compreendida como um ponto de encontro entre indivíduos, porém, um lugar virtual, sem limitações precisas e tempos definidos.

Lévy traça um comparativo entre as sociedades de cultura oral, as quais se caracterizam pela presença de uma totalidade sem universalidade; as sociedades civilizadas, que se apresentam em uma

universalidade totalizante, e, finalmente, a sociedade da *cibercultura*. Condição da globalização, que se manifesta por um universal sem totalidade, isto é, a universalidade mantém-se ao mesmo tempo em que se dissolve.

Este último fenômeno se explica pela razão de que a conjuntura atual de globalização das economias e das telecomunicações tende a condensar os indivíduos e colocá-los sob uma única comunidade, a qual corresponde à comunidade mundial. Mas que não se mostra totalmente eficiente, porque ainda há exclusão no processo do movimento globalizante.

Pierre Lévy afirma que, assim como acontece com outros meios de comunicação, o *ciberespaço* também se apresenta excludente, porém reproduz o mesmo espetáculo midiático e o consumo de informação de mercado em uma escala gigantesca, que não pode ser medida justamente pelo caráter virtual da *internet*.

Mais uma vez nota-se a sua preocupação com o meio em si e as mutações que vem acarretando na sociedade. Lévy enfoca as tendências dos processos evolutivos sem se envolver nos desdobramentos futuros deste acontecimento revolucionário. Para ele, é importante compreender o que é o virtual, como este se manifesta, no que se constitui o *ciberespaço* e qual o significado da *cibercultura*. Uma análise atual, sem um necessário aprofundamento sobre as questões desfavoráveis ao império da tecnologia como determinante do *progresso* da humanidade.

Envolvido pela religião budista, o filósofo saúda a realização da *aldeia global*. No seu último livro, **A conexão planetária**, Lévy reverencia a *internet* devido à possibilidade que a mesma oferece de inventar um mundo. Nas suas palavras, *o primeiro mundo verdadeiramente mundial*, e apresenta ainda um novo elemento, a fim de chegar ao estado ideal de paz e confraternização no *ciberespaço*, o amor:

Somos a primeira geração de pessoas que existe numa escala global. Nossa identidade é cada vez mais problemática. Não temos modelos. Somos os primeiros a entrar em um espaço completamente novo. Entramos no futuro que inventamos percorrendo a passos largos nosso planeta (Lévy, 2001, p. 18).

CONCLUSÃO

Herança do pensamento mcluhiano na argumentação filosófica de Pierre Lévy

Após a leitura da obra de Marshall McLuhan, é inevitável a comparação quanto ao estudo desenvolvido por Pierre Lévy sobre as tecnologias de informação e de comunicação. Neste momento de caracterização de um mundo totalmente globalizado, além da fronteira dos mercados econômicos, verifica-se a relevância e a atualidade do termo *aldeia global*, proposto pelo professor canadense ainda na década de 60. Em um período no qual a informática ensaiava os seus primeiros passos em direção ao futuro – o primeiro computador *Eniac*, pesava várias toneladas –, e somente alguns pesquisadores da área cibernética estavam interessados em estudos mais específicos sobre a relação da tecnologia com a comunicação.

Pode-se dizer que a expressão *global village* ultrapassou o visionário pensamento de McLuhan ao tornar-se o principal expoente de um meio, até então nunca vislumbrado pelo mesmo, o mundo da *internet*. Porém, sabe-se que o professor canadense já imaginava a transferência da extensão dos sentidos do sistema nervoso central, enquanto eletricidade, para os suportes eletromagnéticos da informática.

Tendo prolongado ou traduzido nosso sistema nervoso central em tecnologia eletromagnética, o próximo passo é transferir nossa consciência para o mundo do computador. Então poderemos programar a consciência de forma a que ela não ceda ao entorpecimento e à alienação narcísica provocada pelas

ilusões do mundo do entretenimento que assaltam a Humanidade quando ela se defronta consigo mesma projetada em seu próprio arremedo (McLuhan, 1964, p. 81).

Ao referir-se à democratização dos conhecimentos através de incessantes bombardeamentos de informações, principalmente com a utilização da mídia eletrônica, McLuhan percebe a infinita capacidade do homem na construção de máquinas capazes de eliminar qualquer tipo de interferência no processo de transmissão e recepção de mensagens, que também teriam como prioridade a aceleração da velocidade. Neste caso, ele já advertia sobre o aspecto secundário dos conteúdos em relação às mudanças globais produzidas pelo surgimento de novas tecnologias na sociedade, com a colocação do célebre princípio do *meio como a mensagem*.

Conforme anunciou o pensador, com esta passagem, a comunicação em si é determinada, com o passar do tempo, de acordo com a natureza do meio de comunicação a que pertence. Sendo assim, seria ainda muito cedo para estabelecer definitivamente qual o tipo, ou os tipos, de conteúdo(s) disponível(is) na rede. Há autores que condenam o aspecto virtual e anárquico do *ciberespaço*. Por outro lado, há aqueles defensores da sensação de liberdade e de democracia que se tem *ao* acessar um *site* na *internet*.

Ao ler a obra de Lévy, conclui-se que o meio democrático sonhado por McLuhan, onde a população planetária teria a oportunidade de se transformar em uma *grande família humana* e lutar unida por seus ideais, acontece de certo modo. Graças ao *ciberespaço*, o universo coletivo disponível aos indivíduos está sendo criado enquanto *cibercultura*, que, segundo Lévy é direcionada conforme os interesses da inteligência coletiva.

Se nos engajássemos na via da inteligência coletiva, progressivamente inventariaríamos as técnicas, os sistemas de signos, as formas de organização social e de regulação que nos permitiriam pensar em conjunto, concentrar nossas forças intelectuais e espirituais, multiplicar nossas imaginações e experiências, negociar em tempo real e em todas as escalas as soluções práticas aos complexos problemas que estão diante de nós (Lévy, 1994, p. 17).

Observa-se que Pierre Lévy banha-se nos mesmos rios de exaltação da técnica conforme McLuhan. O fato de a rede mundial de computadores estar causando uma verdadeira revolução no mundo da informação e da cultura não determina que este fenômeno esteja acontecendo para todos, de modo a proporcionar uma legítima democratização de conhecimentos como quer Lévy. *A aldeia global* começa a dar contornos de sua proposta, porém a *inteligência coletiva*, que propõe Lévy, ou o espírito de coletividade da grande família humana, como gostaria McLuhan, não estão se mostrando eficientes no controle da situação. Continuam os monopólios da comunicação e os interesses econômicos a ditar as regras dessa globalização.

O mundo contemporâneo está longe de ser sinônimo de progresso social. Se os mercados econômicos e as bolsas de valores estão em plena atividade no espaço virtual, não se pode afirmar o mesmo da coletividade humana. O número de conflitos entre povos de etnias e religiões diferentes alcança índices alarmantes, os quais resultam em vários tipos de violência contra o ser humano, como ataques terroristas de grandes proporções; falta de ajuda médica aos povos necessitados devido ao medo de guerras e epidemias; fanatismo religioso; exploração indiscriminada da natureza e etc. Dessa maneira destaca-se que o desenvolvimento da técnica não pressupõe o progresso da humanidade.

McLuhan não estava errado com seus profetismos a cerca da era eletrônica. Ele estava fascinado pelo poder da tecnologia e de suas

possíveis implicações na vida do homem. O autor preocupava-se quanto à situação de apatia e inconsciência surgida em decorrência da utilização contínua dos meios de comunicação. Quando diz que se vive a *Idade da Angústia*, ele parece estar, mais uma vez, adivinhando os rumos da humanidade. Neste mundo globalizado, inundado por quantidades exorbitantes de informação e possibilidades, o ser humano sofre um impasse. A velocidade da tecnologia não respeita a natureza do indivíduo, tornando-o um ser angustiado e muitas vezes sem reação diante dos fatos e das situações.

Por outro lado, se as redes conectaram o mundo e as pessoas, o abraço global precisaria ser iniciado. McLuhan e Lévy acreditam na capacidade do homem em direcionar o futuro. Se isto é possível, o *ciberespaço* deveria ser utilizado para construir uma *cibercultura* com perspectiva humanista. O homem não estaria mais a serviço da tecnologia. Ele dominaria sua essência para servi-lo em busca da concretização da idéia, utópica ou não, de *aldeia global*.

No sentido de que as redes de comunicação estão em permanente construção e desenvolvimento. Cabe ao homem, saber ou não, cultivar o espírito de grande família humana disponibilizada a partir das tecnologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **A máquina universo**: Criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MATELLART, Armand. **Comunicação–mundo**: História das idéias e das estratégias. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação problemas correntes e autores**. São Paulo: Edicon, 1998.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 2001.

Abstract: This work aims at examining the relevance and the occurrence of the global village idea, for the first time presented in the 60s by the Canadian professor Marshall Mcluhan in relation to Pierre Lévy's theoretical arguments about the new technologies, mainly about the use of internet, that for Lévy is the main disseminator agent of the globalization, characterizing the world as a global village.

Key words: Global village; internet; globalization.

